

Corrida de Toras

Julio Cezar Melatti

Este artigo foi publicado originalmente na *Revista de Atualidade Indígena*, Ano I, nº 1, pp. 38-45, Brasília: FUNAI, 1976.

É comum entre nós a crença de que as corridas de toras constituem um teste matrimonial: um rapaz só pode se casar quando consegue correr com um tronco aos ombros. Mas tal explicação provavelmente não se aplica a nenhuma das tribos que praticam essa corrida. A citada crença pode ser fruto de interpretações apressadas de pessoas que viram as corridas ou delas ouviram falar. Essa imagem falsa, divulgada em vários livros, não raro é reforçada pelos índios, quando por comodismo, evitando uma resposta muito complexa a curiosos que desconhecem inteiramente seus costumes. Identificam a corrida como um teste para o matrimônio. O experiente etnólogo Curt Nimuendajú surpreendeu certa vez um jovem indígena a explicar a um recém-chegado tenente de polícia que seus companheiros de tribo só podiam se casar depois de passar pelo teste da corrida. Como o pesquisador indagasse do índio por que dera informações erradas, este lhe respondeu sorrindo: “Ora, ele não entende nada a respeito disso!” (Nimuendajú, 1946, p. 136).

A corrida de toras é algo muito mais complexo, como tentarei mostrar aqui, usando informações dos craôs, índios com quem convivi um bom número de meses.

Quem faz

Nem todas as tribos brasileiras realizam corridas de toras. Tanto as que as praticam quanto as extintas que o fizeram estão ou estavam, em sua maioria, nas regiões Nordeste ou Centro-Oeste. Não há notícias suficientes para indicar todas as tribos extintas que tinham corridas de toras. Sabe-se que eram praticadas pelos camacãs (Bahia), janduíis (Rio Grande do Norte), paiacus (Rio Grande do Norte e Ceará), barbados (Maranhão), caiapós do sul (Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais), conforme levantamento feito por Nimuendajú (1946, pp. 141-145).

Dos índios atuais, praticam a corrida os timbiras (Maranhão, Goiás e Pará), os xerentes (Tocantins) e os xavantes (Mato Grosso). Os caiapós do norte (Pará e Mato Grosso) realizam ritos que incluem o carregamento de toras, mas sem que se corra (Turner, 1966, pp. 204-209). Os fulniôs (Pernambuco) teriam tido, no passado, corridas de toras (Nimuendajú, 1946, p. 145).

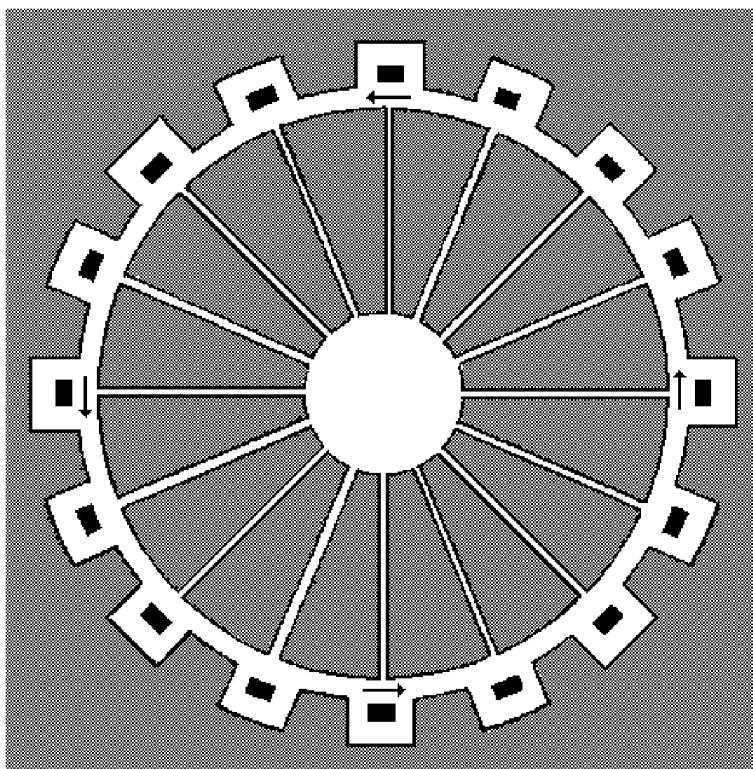
É digno de nota que a maioria dos grupos que praticam ou praticavam as corridas de toras se classificam como pertencentes ao tronco linguístico macro-jê: os camacãs, os fulniôs, os timbiras, os xerentes, os xavantes, os caiapós do sul. Isso não significa que todos os grupos do tronco macro-jê corram com toras: os caingang, os carajás, os bororos, por exemplo, não o fazem.

A corrida

As corridas de toras variam muito de uma sociedade para outra. Por isso, a partir daqui só me referirei aos *craôs*, índios com os quais tenho mais familiaridade e que constituem um ramo dos timbiras.

Entre os *craôs*, toda corrida de tora está sempre associada a algum rito. Conforme o rito que se realiza, variam os grupos que disputam a corrida, assim como a forma das toras e até mesmo o percurso.

A corrida se faz sempre com duas toras iguais, exceto umas poucas situações rituais em que se usam mais de duas. Os corredores se dividem em dois grupos rivais, cabendo a cada qual conduzir uma das toras.



Plano das aldeias *craôs*

As casas, aqui indicadas com retângulos pretos, são em número variável; o pátio, os caminhos e os quintais estão em cor branca; a área coberta de capim, em cinza; as setas mostram a direção das corridas de toras e desfiles rituais.

A corrida se faz de fora para dentro da aldeia, ou apenas dentro dela. Mas nunca se realiza do interior para o exterior. Dependendo do rito e da atividade que os índios estejam realizando, o ponto de partida pode ficar desde algumas centenas de metros até uns poucos quilômetros da aldeia. Dentro desta a corrida se faz no caminho circular, sempre no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

Segundo o rito que se esteja desenvolvendo, o ponto final da corrida deve ser o pátio ou uma das casas de *witi*. Este termo designa um menino ou menina, escolhido pelas

mulheres ou pelos homens, respectivamente, como uma espécie de homenagem aos pais da criança. Pode-se entrar livremente na casa de *wit̃i* e qualquer um ali recebe alimento.

As corridas vindas de fora da aldeia se fazem geralmente no final da tarde, quando os índios retornam de alguma atividade coletiva: uma caçada, um mutirão na roça de um deles. Enquanto caçam ou trabalham na roça, uns dois deles preparam as toras. Derrubam um buriti e cortam duas seções de seu tronco. Os dois cilindros assim obtidos, iguais em tamanho, são rolados para fora do brejo e colocados num lugar limpo. Se os demais índios estão caçando, é neste local que virão dividir entre si os animais abatidos. Velhos e meninos se encarregam de levar as espingardas e os pedaços de carne que tocaram a cada um dos rapazes e homens adultos, enquanto estes partem correndo com as toras na direção da aldeia. Toda corrida que sai de fora da aldeia se faz sempre com toras novas.

As corridas realizadas exclusivamente dentro da aldeia são geralmente matinais, bem cedo, antes que os moradores da aldeia se preparem para iniciar as atividades do dia. As toras são selecionadas dentre aquelas já usadas e que estão à volta de uma das casas de *wit̃i*. Partindo daí, os corredores dão várias voltas pelo caminho circular da aldeia até deixarem as toras diante da mesma casa.

Os “times” que disputam

Os corredores se dividem em dois grupos. Mas não são sempre os mesmos “times” que disputam a corrida. A divisão varia com os ritos. Estes grupos, a que se costuma chamar de metades, são os seguintes:

- A) Wakmẽye x Katamye
- B) Khöikateye x Harakateye
- C) Khöirumpekëtxë x Hararumpekëtxë
- D) Papa-méis x Abelhas
- E) Papa-méis x Muriçocas
- F) Papa-méis x Gaviões
- G) Marrecos x Gaviões
- H) Lontras x Peixes

Todo indivíduo, seja homem, seja mulher, ao receber seu nome pessoal, transforma-se automaticamente em membro de uma das metades indicadas pela letra A, pois cada nome pessoal está associado a uma delas. O mesmo acontece com as metades da letra C, mas apenas para os indivíduos do sexo masculino. Mais detalhadamente, cada metade da letra C se divide em quatro subgrupos (Corujas, Tatupebas, Urubus, Periquitos-Estrelas, incluídos na primeira: Raposas, Gaviões, Periquitos, “Civilizados”, na segunda); cada homem, devido a seu nome pessoal, pertence a um desses subgrupos. As metades da letra B se dividem em classes de idade; cada homem é incluído numa dessas classes a partir do início da adolescência, aproximadamente. Quanto às metades indicadas pelas letras D, E, F, G e H, cada homem escolhe pertencer a uma delas ao começar o rito que lhes corresponde; qualquer um pode passar para a metade oposta quando o mesmo rito volta a se repetir.

Normalmente os indivíduos escolhidos para preparar um par de toras pertencem a uma mesma metade. Há entretanto, metades cujos membros nunca devem cortar e

preparar toras, embora corram com elas aos ombros: Abelhas, Muriçocas, Gaviões, Peixes. O mesmo acontece com os membros do subgrupo Gaviões, incluído numa das metades indicadas pela letra C; por outro lado, os Periquitos, que se incluem na mesma metade, devem cortar três pares de toras.

Ao se iniciar uma corrida, cada metade se aproxima de uma das toras e um de seus membros, com ajuda dos companheiros, a coloca aos ombros. Cada um dos carregadores de tora, correndo, é seguido pelos demais membros de sua metade: quando se mostra cansado, um dos companheiros o substitui. E assim as toras vão passando de ombro a ombro até o ponto de chegada.

Mulheres e crianças

Um dos indícios de que entre os craôs a corrida de toras não constitui um teste para dar direito a uma noiva é o fato das crianças e as mulheres também correrem.

A corrida de mulheres é menos frequente que as dos homens. Estes correm quase todos os dias e até mais de uma vez no mesmo dia. As mulheres adultas não disputam corridas com os homens, mas sim com outras mulheres. Para correrem, também se dividem em metades. Com exceção das metades indicadas pela letra A, toda mulher pertence às metades de seu pai, se é solteira, ou às de seu marido, se casada. Quando as mulheres correm, um par de toras é confeccionado especialmente para elas. Normalmente a partida das mulheres precede a dos homens.

As corridas de crianças também são raras. Elas não se dividem em metades, ao correr, mas se opõem por sexos: meninos contra meninas.

De um modo geral, as toras destinadas às mulheres são mais leves que as correspondentes para os homens; e as das crianças mais leves que as das mulheres.

Tipos de toras

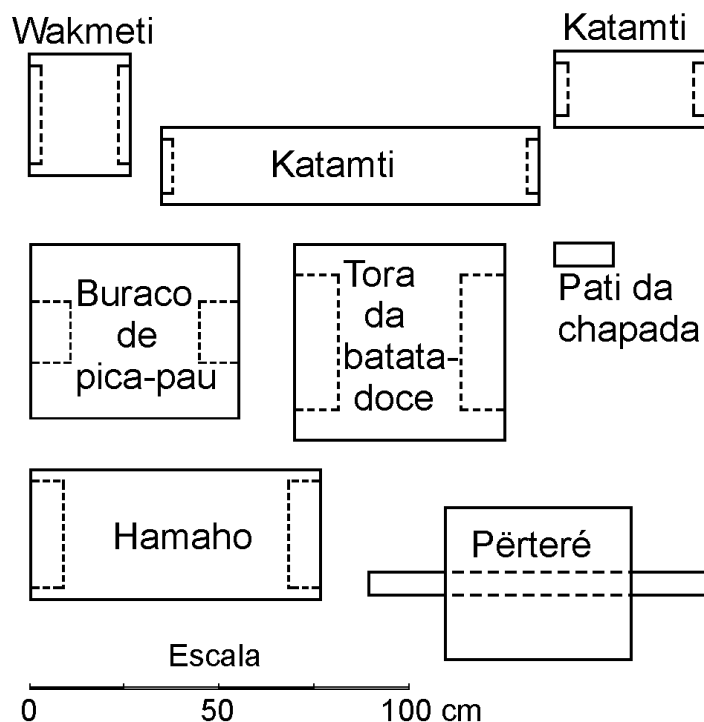
A grande maioria das toras é confeccionada com tronco de buriti. Mas as formas variam segundo os ritos. Citarei alguns exemplos para dar uma ideia dessa variabilidade.

Durante a estação seca, os índios correm com um par de toras chamadas Wakmeti. São cilindros de buriti, cuja altura é menor que o diâmetro da base. Geralmente trazem, nas suas bases, desenhos geométricos em cor vermelha. O contrário ocorre na estação chuvosa, quando se utilizam as toras Katamti, também de buriti, mas de altura maior que o diâmetro, e com desenhos negros nas bases. O Katamti varia muito de tamanho; pode ser maciço, bem escavado em cada base ou completamente oco.

Toda tora tem pelo menos uma rasa cavidade, formando uma borda pela qual o corredor a segura com a mão, a fim de mantê-la firme aos ombros.

Há, entretanto, um par de toras, usado uma vez por ano, em que essa cavidade se reduz a um pequeno furo no centro de cada base. Essas toras se chamam “Buraco de Pica-Pau”, sem dúvida numa alusão a seus pequeninos orifícios. Já as toras *Perteré*, com que também se corre uma vez por ano, ao invés de cavidades, dispõem de cabos, que as atravessam pelo eixo, dando-lhes a aparência de grandes rolos de esticar massa de pastel. Não são de buriti e os corredores as mantêm aos ombros segurando-as pelos cabos.

Há também aquelas chamadas “Tora da Batata-doce” ou “Grande Tronco”, confeccionadas uma vez por ano, no tempo da colheita do vegetal que lhes dá o nome. Também não são de buriti, mas de madeira. Têm a altura quase igual ao diâmetro. Numa das cavidades de cada tora se coloca uma torinha bem pequena. Com essas torinhas meninos e meninas começam a correr, seguidos dos homens, com as toras maiores.



Tamanho de alguns exemplares de toras

A linha interrompida indica as cavidades.

No início da estação chuvosa se faz uma corrida com toras chamadas “Sucuriju”. São troncos de uns seis metros de altura, por uns 12 centímetros de diâmetro na base maior. Essa extremidade mais grossa se considerar a “cabeça” da “Sucuriju”, enquanto a mais fina, o “rabo”. A corrida se inicia a umas poucas centenas de metros da aldeia. O corredor põe a “cabeça” da “Sucuriju” no ombro e deixa o “rabo” se arrastar no chão. Na mesma época se corre com as toras chamadas “Pati da Chapada”, que são minúsculos cilindros (não sei se feitos de pati) com uns 15 centímetros de altura.

Tipos de corrida

Não é apenas a corrida de toras que os craôs cultivam. Há duas outras maneiras de correr. Uma delas é a corrida com varas. Faz-se da mesma maneira que a corrida de toras: as toras, entretanto, são substituídas por duas varas de canajuba, de mais ou menos um metro de comprimento. Contrariamente às toras, que vão deitadas sobre os ombros, as varas de canajuba são seguras na mão e ficam no sentido vertical; às vezes, na extremidade superior, têm um enfeite: um cordel pendente, terminado por um tufo. A corrida com varas só se faz dentro da aldeia, pelo caminho circular.

O terceiro tipo de corrida se faz sem toras e sem varas. O percurso é em linha reta, pelos caminhos radiais, cruzando o pátio, partindo do ponto mais alto da aldeia para o mais baixo (a aldeia raramente fica num plano inteiramente horizontal). A corrida é disputada por dois ou três índios e geralmente não ultrapassa o pátio, pois, quando o alcançam, quase sempre um dos participantes já se destacou dos demais. Continuam então, mas andando, na direção do ribeirão. É a corrida que precede o banho e a última a ser realizada.

Portanto, se a corrida de toras testa a resistência, as duas outras põem à prova a velocidade.

Função das corridas

De que serviria aos índios o cultivo da corrida? Talvez possamos tomá-la como uma adaptação ao meio ambiente. Note-se que a maioria dos grupos que pratica a corrida não habita áreas florestais. Num outro artigo (Melatti, 1975, pp. 16-17), mostro como um mito dos craôs classifica os animais em moradores da floresta e moradores do cerrado; estes últimos, segundo o mito, são aqueles que correm mais; o mito deixa bem claro que a velocidade é um meio de defesa no cerrado, tal como a possibilidade de se esconder na mata. A corrida de toras poderia ser um treinamento para retiradas rápidas diante dos inimigos, sob o peso de bagagens e dos feridos. A habilidade em correr também possibilitaria perseguir com mais eficiências os animais de caça, e mesmo inimigos, bem como explorar para a subsistência uma área mais vasta em torno da aldeia. Dois exemplos do passado sugerem ser razoável essa interpretação. Conta Nimuendajú (1946, pp. 145-146) que dois assassinos do chefe craô, Tito, fugiram a cavalo, mas mesmo assim foram perseguidos e alcançados pelos índios. Por outro lado, Francisco de Paula Ribeiro, sargento-mor português que combateu os Timbira no início do século passado, registra que “as mesmas índias não degeneram em robustez, e já observamos uma que vindo prisioneira, quis fugir levando debaixo do braço a sua sentinela, e o fazia se lhe não tivessem acudido” (Paula Ribeiro, 1841, § 19).

O que significa?

Esta é uma pergunta difícil de responder. Os próprios índios não têm uma resposta pronta para ela. Mas, convenhamos, perguntar a um índio o que significam as toras é o mesmo que perguntar a um jogador de futebol ou torcedor de futebol o que significa a bola.

Mas talvez haja um meio de se responder à questão. Pode-se começar pelos sonhos. Dizem os craôs que sonhar com tora pesada é sinal de que se vai matar anta; já o sonho com tora leve prevê o abate de um veado ou de alguma outra caça pequena. Os sonhos, pois, identificam as toras com animais abatidos. Essa interpretação é confirmada por uma corrida que uma vez presenciei: ao invés de cortar toras de buriti, os índios correram com as patas dianteiras de um veado que tinham abatido.

Porém, outros dados nos mostram que nem sempre as toras se identificam com animais abatidos. Por exemplo, no início da estação chuvosa os craôs correm com as “Toras do Milho”. Ora, o tamanho dessas toras varia na razão direta da altura dos pés de milho, que, na época da corrida, estão recém-plantados. Por conseguinte, essas toras

parecem se identificar com o milho. No tempo da colheita do milho, os índios correm, da periferia para o pátio da aldeia, com dois grandes feixes de produtos vegetais, chamados *Põhîpré*; no dia seguinte, fazem uma corrida de fora para dentro da aldeia com feixes menores, chamados *Põhîtse*. Temos aí, portanto, feixes semelhantes a toras, feitos com vegetais cultivados: haveria uma identificação entre toras e plantas.

Já vimos que há toras chamadas “Sucuriju”. Como a sucuriju, para os índios, é o símbolo da estação chuvosa, essa corrida não deve representar propriamente a entrada de duas sucurijus na aldeia, mas sim a chegada do período ritual da estação chuvosa.

Mas as toras talvez não representem apenas animais, vegetais ou estações. Harald Schultz (1950, p. 74, nota 68), quando transcreve a versão craô do mito da origem do fogo, comenta que a fuga dos índios com o tição, desde a morada da onça até à aldeia, passando-o de ombro para ombro, se assemelha a uma corrida de toras. Essa comparação nos conduz a refletir sobre o fato de que a sociedade craô se mantém com elementos que vêm da natureza: não me refiro apenas aos alimentos, mas também a técnicas como a agricultura, o uso do fogo, que segundo os mitos, vieram de fora da sociedade, tal como aconteceu também com os inúmeros ritos e cânticos, que foram aprendidos com animais, vegetais e outros seres não-humanos.

Portanto, as corridas de toras constituiriam a representação da passagem de todos esses elementos “naturais” para o âmbito da sociedade.

Mais obscuras são as identificações das toras com as cascas dos ovos de periquito, coruja ou urubu, quando são preparados por membros dos subgrupos que têm esses nomes; ou com filhos de raposa, com tatus-canastras ou tatupebas, com araras-pretas ou periquitos, quando cortadas por membros dos subgrupos Raposa, Tatupeba ou Periquito; ou ainda com vapor ou caixote, quando preparadas por membros do subgrupo “Civilizado”. Essas toras são, pois, comparadas a elementos naturais ou artificiais produzidos pelos seres que dão nomes a esses grupos: ovos, filhos, artefatos. Trata-se também de elementos de fora que são trazidos para o seio da sociedade craô.

Há uma tese de doutoramento, defendida na Alemanha, que compara as toras aos mortos (Stähle, 1969). Como não sei alemão, não posso discuti-la aqui.

Esporte ou rito?

Sem dúvida a corrida de toras diverte aqueles que a praticam e também desenvolve certas potencialidades do corpo humano. Sob esse ponto de vista é um esporte. Mas parece que lhe falta o aspecto competitivo do esporte, ou seja, do esporte como jogo.

Lévi-Strauss (1970, pp. 52-55) tenta fazer uma distinção entre rito e jogo. Segundo ele, o jogo é *disjuntivo*: parte de uma situação de igualdade de condições entre os rivais e termina pela manifestação de uma desigualdade. Por exemplo, o jogo de futebol: os dois times têm o mesmo número de jogadores e devem seguir as mesmas regras, mas normalmente a partida termina com um vencedor e um derrotado. O rito, por outro lado, seria *conjuntivo*: parte de uma dissociação e termina numa união, pois todos os participantes “ganham”.

Ora, não se pode dizer que as corridas de toras comecem em igualdade de condições. É certo que as toras, na medida do possível, têm o mesmo peso; mas o número de

participantes de cada metade não é necessariamente o mesmo. Há corridas que começam com a vantagem inicial de uma das metades, que parte na frente. Há outras em que as metades trocam, durante o percurso, em locais previamente estabelecidos, suas toras, desfazendo qualquer vantagem que uma delas tenha conseguido até o momento da troca. Além disso, quando um corredor, com a tora ao ombro, percebe que o rival, que está com a outra tora, é seu *hōpin* (um amigo ritual), não pode correr muito, para não fazer seu “amigo” se cansar. Assim, há uma diferença inicial, mas também há uma diferença final, pois quase sempre uma das metades chega na frente. Mas sua vitória não é festejada. Maybury-Lewis (1965, pp. 85-88) notou essa falta de espírito competitivo dos craôs e contrastou-a com o comportamento oposto dos xerentes, que seria resultado da influência dos civilizados. Convém notar, entretanto, que os craôs, quando não correm, são atentos observadores de seus companheiros e conhecem a capacidade de resistência e velocidade de cada um.

Se nos detivermos nos aspectos simbólicos, verificaremos que as metades também são diferentes nesse nível, pois normalmente uma parece representar a sociedade e a outra, a natureza. Mas, apesar da disputa, ambas na verdade se unem para levar algo para dentro da aldeia. Sob esse ponto de vista, o resultado da corrida é uma conjunção.

Portanto, as corridas de toras têm ao mesmo tempo o aspecto de jogo como o de rito. É o que também conclui Roberto DaMatta (1976, p. 105) para um outro grupo timbira, os apinajés.

Bibliografia

- DAMATTA, Roberto. 1976. *Um mundo dividido*. Editora Vozes, Petrópolis.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. *O pensamento selvagem*. Companhia Editora Nacional, Editora da USP, São Paulo.
- MAYBURY-LEWIS, David. 1965. *The Savage and the Innocent*. Evans Brothers Limited, London.
- MELATTI, Julio Cezar. 1975. “Sistema de Classificação de Animais e Plantas pelos Índios”, *Informativo FUNAI*, N1 14, Brasília, pp. 13-20.
- NIMUENDAJU, Curt. 1946. *The Eastern timbira*. University of California Publications in American Archeology and Ethnology, vol. 41, Berkeley and Los Angeles.
- PAULA RIBEIRO, Francisco de . 1841. “Memoria sobre as nações gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão: analyse de algumas tribus mais conhecidas: processo de suas hostilidades sobre os habitantes: causas que lhes tem dificultado a reduçãõ, e único método que seriamente poderá reduzi-las” *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, 3, Rio de Janeiro, pp. 184-197, 297-322 e 442-456.
- SCHULTZ, Harald. 1950. “Lendas dos índios Krahó”. *Revista do Museu Paulista*, N.S., vol. 4, São Paulo, pp. 49-164.
- STAHLER, Vera-Dagny. 1969. *Klotzrennem Brasilianischer Indianer*, Bildstelle der J. W. Goethe – Universitat, Frankfurt an Main.
- TURNER, Terence. 1966. *Social Structure and Political Organization among the Northern Cayapo*, Harvard University, Cambridge (tese de doutoramento, mimeografada).